



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JACICA HELENA LOPES FERNANDES

**IMIGRANTES DA COSTA OCIDENTAL AFRICANA
RESIDENTES EM CABO VERDE (ILHA DE SANTIAGO):
ENTRE OS DESAFIOS DE INTEGRAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

JACICA HELENA LOPES FERNANDES

**IMIGRANTES DA COSTA OCIDENTAL AFRICANA
RESIDENTES EM CABO VERDE (ILHA DE SANTIAGO):
ENTRE OS DESAFIOS DE INTEGRAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como parte de requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Bas`lle Malomalo.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

JACICA HELENA LOPES FERNANDES

**IMIGRANTES DA COSTA OCIDENTAL AFRICANA
RESIDENTES EM CABO VERDE (ILHA DE SANTIAGO):
ENTRE OS DESAFIOS DE INTEGRAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO**

Trabalho apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 04 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bas'ile Malomalo – Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ercílio Langa Brandão

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Carla Craice da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	9
3	PROBLEMATIZAÇÃO	11
4	HIPÓTESE	12
5	OBJETIVOS DA PESQUISA	13
5.1	OBJETIVO GERAL	13
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
6	REFERENCIAL TEÓRICO	14
6.1	CONCEITOS FUNDAMENTAIS DOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	14
6.2	PROCESSO DA EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO EM CABO-VERDIANA	21
6.3	O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA AFRICANA PARA CABO VERDE	24
6.4	OS IMIGRANTES DA COSTA OCIDENTAL AFRICANA APELIDADOS DE “MANDJAKU”	25
7	METODOLOGIA	26
8	ROTEIRO DE PERGUNTA	29
9	CRONOGRAMA	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Cabo Verde é um país localizado na Costa Ocidental Africana, constituído por dez ilhas e cinco ilhéus, com uma distância aproximadamente de 500 km do Senegal. Ao que tudo indica as ilhas de Cabo Verde eram desabitadas por altura da chegada dos portugueses, possivelmente as ilhas foram descobertas por navegador Veneziano Alvise de Cadamosto em 1456 quando este navegava a serviço de Portugal, Cadamosto teria se avistado da costa africana devido a uma tempestade e avistado algumas ilhas, há ainda outra possibilidade que assegura que as ilhas de Cabo-verde teriam sido descobertas pelos navegadores portugueses Diogo Gomes e Antônio da Noli. (CARLOS, 2015)

No entanto, existem outras narrativas, como as de João Feijó que dão conta que, em algumas das ilhas, já haviam marcas de presença humana, nesse caso os “Jalofos” antes da chegada dos europeus. De acordo com a historiografia caboverdiana, a sua posição geográfica era privilegiada, sendo assim, a coroa logo teve interesse em ocupar as ilhas, pois estas poderiam servir como lugar de apoio à navegação marítima portuguesa e ao estabelecimento do comércio com a costa africana.

Conforme António Carlos (2015), o povoamento das ilhas começou em 1462 (ilha de Santiago), segundo o mesmo autor, Antônio da Noli foi o primeiro capitão donatário, ele acrescenta ainda que Ribeira Grande, a atual Cidade Velha, tornou-se a mais antiga cidade europeia fundada em região tropical, no momento tinham-se portugueses e escravos trazidos dos diferentes países da África, tal constatação resultou no povoamento das ilhas de Cabo Verde.

A imigração é algo presente em todas as sociedades, o ser humano sempre migrou desde os primórdios da humanidade, ou seja, a migração não é nada nova na história da modernização. O fenômeno migratório contemporâneo, por sua vez, a sua intensidade e diversificação, tornou-se cada vez mais complexo, principalmente nas causas que o originam. Dentre elas, destacam-se as transformações ocasionais pela economia globalizada, que é um dos principais motivos que levam as pessoas a imigrarem. Por outro lado, o aumento da desigualdade entre Norte e Sul no mundo, a busca de melhores condições de vida (MARINUCCI e MILESI, 2011, p.1)

Portanto, é de se referir que o capitalismo é uma das características principais da globalização, por outro lado, esse capitalismo contribuiu para que houvesse as desigualdades entre as classes sociais “inferiores e superiores”, no entanto, isso gera tensões e contradições

aos espaços econômicos. Em 1959, seis países falantes da língua Francesa nomeadamente Burkina Faso, Benim, Costa de Marfim, Mali, Mauritânia, Níger e Senegal formaram a união Aduaneira da África do Oeste (UDEAO). Porém os objetivos não foram alcançados conforme o desejado, contudo mais tarde veio surgir uma nova organização que veio a substituir já existente a Comunidade Econômica da África do Oeste (CEDEAO) em 1973 que tinha como objetivo melhorar as infraestruturas e promover a aceleração da industrialização e facilitar o comércio interno entre os países membros dessa comunidade (GOMES, 2009, p. 30).

Em junho de 1975, com a aceitação do tratado da CEDEAO, segundo as normas constitucionais, Cabo Verde aderiu ao tratado a 16 de Março de 1977, afim de haver uma maior integração entre esses países, onde as populações desses países membros iriam gozar de livre circulação de bens e pessoas.

Gomes (2009) afirma que a emigração em Cabo Verde se iniciou pouco tempo depois do povoamento das ilhas. Por outro lado, alguns autores argumentam que a primeira corrente migratória para o exterior teve início nos finais do século XVII a princípio do sec. XVIII, tendo como principal destino Estados Unidos da América.

Goís (2006) sublinha que uma das formas muito forte que os cabo-verdianos encontraram para responder a escassez da chuva e dos recursos naturais foi se sustentando na corrente emigratória.

Partindo desse pressuposto, é de notar que tanto a emigração como a imigração não é algo novo na história da sociedade cabo-verdiana, sendo este um país que nasceu no processo da Imigração. É de se verificar que a emigração é um dos elementos estruturais que contribuiu para a formação da nação cabo-verdiana.

Seguindo por esta linha de raciocínio, de acordo com a Organização Internacional as Migrações (OIM), conforme os dados bancários de Cabo Verde (BCA, 2009), os Emigrantes têm contribuído muito para o desenvolvimento e a economia do país sobre forma de remessas enviadas por imigrantes, registou-se um aumento considerável desde 1990 até 2008, normalmente os valores passam de 3,14 mil milhões de escudos isso em 1990. Nesses últimos anos os principais países de origem das remessas foram: Portugal, França, Estados Unidos e Países baixos. Do mesmo modo, também temos o grande fluxo dos imigrantes vindo dos diferentes países para Cabo Verde, sendo assim, esses imigrantes têm contribuindo muito para desenvolvimento do país.

Como defende Tavares (2010), a presença dos imigrantes faz com que tenhamos encontros de culturas diferentes; e a partir dos dados de CEDEAO (GOMES, 2009, p.41), percebe-se que o país vem recebendo muitos imigrantes oriundos da Costa Ocidental africana.

Para Tavares (2010), para além do país ser o país da Emigração ele também tornou o país das Imigrações por mérito próprio, o arquipélago está a experimentar um crescimento económico, sendo assim, necessita de mão-de-obra desses imigrantes.

Esse fluxo migratório em Cabo Verde se deve ao fato das mudanças ocorridas no país após a independência. Estruturalmente houve evolução a nível económico desde a década de 80 do século passado, tanto os setores secundários como terciários cresceram consideravelmente. De acordo com os dados do Instituto Nacional de estatística de Cabo Verde (INE) realizado em 2010:

Em 2008, o sector de serviços representava 66,6 por cento do PIB do país e a indústria e a construção, em conjunto, equivaliam a 17,7 por cento do Produto Interno Bruto (PIB). O desempenho do sector de serviços na última década (2000 a 2010) deve-se, sobretudo, ao forte crescimento do turismo. O fluxo turístico passou de 145 mil visitantes em 2000 para 330 mil visitantes em 2009, um crescimento médio anual de 9,9 por cento, apesar do efeito negativo da crise mundial. Na mesma linha, o número de dormidas passou de 684 mil em 2000 (média de 4,7 dormidas por turista) para 2 milhões em 2009 (média de 6,1 dormidas), e estima-se que o subsector do turismo representa em 2010 cerca de 20 por cento do PIB de Cabo Verde.

No entanto pode se dizer que o país tem registrado uma trajetória de crescimento económico sólido e consistente desde a sua independência e do sistema multipartidarismo. Nessa ótica, Cabo Verde é considerado um país estável e seguro com um regime democrático, no entanto, essas evoluções têm contribuído para o aumento do fluxo migratório no país.

Segundo os dados estatísticos de 2017 o arquipélago tem registado um aumento de 4,7% do seu produto interno bruto (PIB). O PIB foi de 1,717 bilhão USD (2016), no momento o país regista uma população de 538.701 (2018) isso no que se refere à números de Cabo-verdianos residentes no país, o numero de Cabo-verdianos que vivem fora do país chega a ser dobro disso.

Conforme Rocha (2009), esses migrantes da Costa Ocidental vêm sofrendo algum tipo de discriminação, xenofobia no país, isso, quando os Cabo-verdianos os designam de “mandjaku”. Termo que para Tavares (2010) pertence ao um grupo étnico da Guiné-Bissau, mas que nas sociedade cabo-verdiana acabou por ganhar outros significados.

Tal constatação nos leva a crer que o país sempre viveu o fluxo imigratório, porém agora num contexto diferente de antes, no entanto após o tratado da CEDEAO esse fluxo aumentou consideravelmente, principalmente no que tange aos imigrantes provindos da Costa Ocidental Africana que muitos veem em busca de melhores condições de vida, por outro lado alguns veem o país como ponto de referência para deslocação para América e Europa. Deste

modo, muito desses imigrantes vem queixando de discriminação, preconceito e xenofobia no país por parte de muitos cabo-verdianos quando os apelidam de “mandjaku”.

Mandjaku é um povo que ocupa o litoral compreendido entre os rios de Cacheu e Mansoa, na atual Guiné Bissau. Mandjaku era uma língua vernácula, que significa “eu disse” (man = eu + dja = disse + ku = partícula reforçativa da afirmação. (TAVARES, 2010, p.33).

2 JUSTIFICATIVA

A partir de algumas leituras feitas e partindo da minha experiência de vida como cidadã Cabo-verdiana surgiu a minha inquietação para pesquisar esse tema. Além disso, tenho uma prima que namorava com um Guineense e tiveram um filho dessa relação; a criança, fruto dessa relação, foi apelidado de “Mandjaku”, o mesmo acontece quando um cabo-verdiano tiver uma maior concentração de melanina. Ora, são essas indagações que me fez pesquisar sobre esse tema, porém, muitos cabo-verdianos afirmam não ter discriminação nem preconceito contra estes indivíduos, contudo não é isso que acontece quando uma cabo-verdiana namora com um desses imigrantes da Costa Ocidental, onde estas sofrem preconceito só pelo fato de estar a namorar com um deste individuo. Por outro lado, é de se constatar que muitos dos pesquisadores e pesquisadoras que falam sobre essa problemática são cabo-verdianos que saíram fora para estudar, assim como eu agora estou tendo outra visão sobre a realidade do meu país. Os estudos feitos mostram que de fato precisamos debater essas temáticas, uma vez que existe toda uma problemática em torno da identidade Cabo-verdiana, o ser africano em Cabo-verde gerou e ainda gera discussão, sustentando o argumento da posição geográfica e da mestiçagem para problematizar tal assunto.

Quanto à relevância acadêmica, esse trabalho irá nos propor um debate sobre as questões raciais em Cabo-verde, visto que quase não se discute esses assuntos dentro do meio acadêmico em Cabo-verde. Por outro lado, ele nos faz pensar na possibilidade de uma revisão no nosso currículo escolar, a fim de termos um melhor conhecimento sobre o nosso próprio continente para que possamos conhecer as nossas raízes e origens, pensando na possibilidade de implementação de disciplina como história e geografia do continente Africano. Uma vez que temos um conhecimento quase nulo sobre o continente africano, isso porque o nosso currículo escolar é todo baseado nos modelos europeu.

Segundo Arlindo Vieira (2012), o sistema educativo em Cabo-verde tem a mesma semelhança de outros países que passaram pela mesma experiência da exploração e opressão

coloniais. A educação e a escolarização em Cabo-verde têm sido historicamente desenvolvidas por herança teórico-cultural eurocêntrica e neoliberal, baseado numa visão universalista, homogeneizante e universalista do sujeito do conhecimento da história. Esse modelo eurocêntrico contribuiu para uma rejeição do outro, em que o outro chega ao ponto de negar sua história, cultura e identidade.

Os objetivos dos colonos desde os primórdios, fazer com que os africanos ficassem assimilados a cultura e a civilização europeia, onde a escola era o principal caminho para a realização desse objetivo, eles viam a escola como o único meio de salvar os africanos da barbárie. Contudo isso fez com que a gente se pensasse que os conhecimentos dos europeus eram superiores a nossa, esse querer ser igual a eles fez com que nós negássemos muita das vezes as nossas origens.

Quanto a relevância social esse trabalho nos traz uma breve reflexão sobre a integração e a vida dos imigrantes da Costa Ocidental residentes no arquipélago, no que tange a relações dos cabo-verdianos em relação a esses cidadãos, uma vez que muitos deles vêm se queixando um certo distanciamento entre os Cabo-verdianos em relação a eles. É de salientar a posição do Estado na resolução dessa problemática.

Quanto à importância política, o presente trabalho tem como finalidade promover uma maior integração entre os Cabo-verdianos com relação aos imigrantes da Costa Ocidental Africana, afim do Estado Cabo-verdiano pensar numa medida para promover essa integração.

Tomemos como exemplo o nosso curriculum escolar, em que desde criança temos maior contato com a cultura e história europeia do que com a africana, o ensino da história Cabo-verdiana em si já é deficiente, imagine então ensino do restante da África. Tal constatação faz com que muitos não têm um conhecimento sobre a África, gerando por sua vez certo distanciamento de muitos Cabo-verdianos em relações aos seus irmãos africanos. De acordo com a constituição da Republica de Cabo-verde todos os cidadãos são iguais sem distinção. No artigo 7º (tarefas do estado) da constituição Cabo-verdiana, o Estado tem que garantir aos estrangeiros que habitem permanente ou transitoriamente em Cabo-verde, ou seja, que estejam em trânsito pelo território nacional, um tratamento compatível com as normas internacionais relativas aos direitos humanos e aos exercícios dos direitos que não estejam constitucional ou legalmente reservados aos cidadãos Cabo-verdianos (CABO-VERDE, 2012, p.28).

3 PROBLEMATIZAÇÃO

Entre a insularidade e as estiagens, a emigração passou a ser ponto forte do povo cabo-verdiano, saindo pelo mundo fora em busca de melhores condições de vida. Tradicionalmente Cabo Verde é considerado o país da emigração, porém, atualmente o arquipélago tornou-se foco de acolhimento de muitos imigrantes dos diferentes países, em que muitos escolhem Cabo Verde como sendo um país democrático e calmo para se aventurarem, outros vão à procura de melhores condições de vida.

Em 1975, pelo tratado de Lagos foi criado a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), que é constituído por 15 países (Cabo Verde, Guiné-Bissau, Benim, Burkina Faso, Nigéria, Gambia, Mali, Libéria, Togo, Serra Leoa, Níger, Costa de Marfim, Guine Conacri, Gana, Senegal) a fim de promover a cooperação e integração econômica, social e cultural entre esses países. (TAVARES, 2010).

Quanto à autorização de residência, 3,611 é o número total de imigrantes da CEDEAO em Cabo Verde que já tem autorização de residência até janeiro de 2010. Deste dado, 2065 é o número total de imigrantes que se encontram em situação legal e os restantes 1546 estão na clandestinidade (TAVARES, 2010). Muitos desses imigrantes que estão em situação irregular, utilizam o país como ponto de passagem para a imigração clandestina, cujo destino principal é a Europa.

De acordo com a mesma autora, existe um número de aproximadamente 2446 imigrantes que pediram nacionalidade durante o ano de 2010, deste pedido 823 são da Guiné-Bissau, 660 (Senegal), 640 (Nigéria), 50 (Serra Leoa), 9 (Mali).

Segundo Tavares (2010), a CEDEAO estabeleceu-se em uma região de integração em que a população goza da livre circulação de pessoas e bens nos estados membros. Deste modo, a partir dos anos 90, houve um fluxo migratório muito grande dos imigrantes da Costa Ocidental Africana em Cabo Verde. De acordo com as informações, muitos desses imigrantes estão a queixar da discriminação e preconceito por parte de muitos Cabo-verdianos quando os denominam de “Mandjaku”, termo esse que carrega certa diferenciação e que por sua vez contribui para que haja um certo distanciamento entre os Cabo-verdianos e esses imigrantes.

De acordo com fala de um dos imigrantes ganês residente em Cabo Verde, ele fala da integração dos nativos do continente africano na cidade de Mindelo (São Vicente), numa matéria intitulada “Africanos no Mindelo” publicado publicada 13 de julho de 2013 pela (Noticias do Norte). Afirma que a “discriminação” em Cabo Verde é sentida em vários lugares,

dando como exemplo a começar pela expressão que eles são denominados (“mandjaku”) nos transportes públicos e até no momento de arrendarem uma casa.

Como exemplifica Carvalho (2010), todo esse comportamento resultou do processo histórico de uma construção social da realidade Cabo-verdiana que insiste em dizer que não existe preconceito em Cabo Verde, sustentando um discurso da mestiçagem e da morabeza¹ para justificar tal assunto.

Contudo existe uma problemática em torno da identidade cabo-verdiana, a ponto de muitos duvidarem da nossa origem africana. Desta feita, esse problema que tem gerado muita polêmica nas sociedades cabo-verdiana, tem contribuído para muitos tipos de comportamentos que temos com os nossos irmãos africanos ao ponto de vermos eles como diferente ou inferior a nós, vale ressaltar que o termo “Mandjaku” está intimamente ligado as questões de fenótipos, porem ela remete a questão nominal como uma forma de os identificar.

- ✓ O porquê os cabo-verdianos rotulam todos os imigrantes da Costa Ocidental de “Mandjaku”?

4 HIPÓTESE

Ao longo das minhas leituras de pesquisa surgiram várias inquietações, no que se refere à denominação do termo “Mandjaku” utilizado em Cabo Verde. Nota-se que a maioria das pesquisas feitas pelos estudiosos Cabo-verdianos têm o mesmo ponto de vista que esse termo é utilizado na sociedade Cabo-verdiana como uma forma de identificar todos os imigrantes da Costa Ocidental Africana residente no arquipélago. Da mesma forma, esses estudiosos alegam que muitos Cabo-verdianos associariam esse termo a um sentido pejorativo, com a intenção discriminatória e de inferiorizá-los. É de se constatar que esse termo também carrega um certo grau de racismo, uma vez que muitos acham que ‘Mandjaku’ são a gente preta vindo da Costa Ocidental africana, como se o mandjaku fosse o sinônimo de preto. Esse fato pode ser constatado quando um cabo-verdiano tem uma tonalidade de cor de pele preta logo ele é comparado a um mandjaku.

¹ Morabeza- nas sociedades cabo-verdianas é mesmo que dizer aos imigrantes” seja bem vindos “ou seja a morabeza está ligada à arte do bem receber e de querer agradecer e compartilhar, uma maneira de expressar a forma como gostaria de ser recebido, desde dos vizinhos da gente de outras localidades e ilhas e nacionalidades diferentes, tratando de uma maneira amigável, simpática e gentil.

Na visão de Tavares (2010), esse termo surgiu a partir do momento em que começou a se dar o grande fluxo migratório no país no período dos anos 90 por parte dos imigrantes da Costa Ocidental africana.

Madeira (2014), por seu turno, constata que esse termo passou a ser um termo utilizado para designar todos os africanos da Costa Ocidental, uma vez que os cabo-verdianos muitas das vezes rejeitam a sua identidade africana só pelo fato de ali ser uma sociedade considerada mestiça.

Como ressalta Mia Couto numa entrevista sobre a colonização do pensamento 16 de janeiro de 2018, o que parecia ser óbvio aos olhos dos europeus era negado pelos Cabo-verdianos, que não se consideravam africanos. Os portugueses colonizaram a nossa mente de tal maneira que até hoje mesmo depois da independência continuamos ainda com os pensamentos deles em tentar segui-los, por conseguinte muitas das vezes recusamos o fato de não sermos africano.

5 OBJETIVOS DA PESQUISA

5.1 OBJETIVO GERAL

Discutir as relações étnico-raciais em Cabo Verde, partindo da conjectura e do processo histórico de Cabo-Verde.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar os motivos que levam os cabo-verdianos a rotular os africanos da Costa Ocidental de Mandjaku.
2. Identificar as formas de combate desse preconceito da parte da sociedade civil e do Estado cabo-verdiano.
3. Compreender as relações entre os nacionais e os imigrantes africanos de outros países.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Devido ao meu crescente interesse em entender as questões raciais em Cabo Verde, em tentar desvendar o motivo que leva os Cabo Verdianos a designarem todos os imigrantes da Costa Ocidental de *Mandjaku*, achamos por melhor trazer alguns conceitos fundamentais dos estudos das relações étnico-raciais, tais como raça, etnia, racismo, discriminação, preconceito, xenofobia.

Segundo alguns autores como Munanga, Nilma entre outros que vem trabalhando esse conceito de raça atualmente, eles avaliaram que o conceito de “raça” por sua vez causa inúmeras polemicas. Isso porque hoje em dia biologicamente foi comprovado que as diferenças genéticas entre seres humanos são mínimas.

Existem, porém, outro grupo de cientistas sociais que pensam a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão, uma vez que esse conceito deixa de ser biológico para ser ideológico e político. Nesse sentido, Munanga (2014) afirma que o termo raça sempre apresentou características semânticas e, por outro lado, esse campo semântico do conceito de raça é determinado de acordo com a estrutura global de cada sociedade a partir das relações de poder que governam. Ressaltando que muitos autores aplicam o conceito de “raça” à etnia, ou seja, esses dois conceitos têm significado diferentes, por tanto eles não são sinônimos como muitos autores vem pensando.

De acordo com Teruya (2008), a invenção e a pertinência da noção de raça estão elaboradas nas relações sociais, nos vários seguimentos da sociedade, nomeadamente os componentes históricos e econômicos.

Alguns biólogos antirracistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacional idade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão (Munanga, 2014, p.6).

Gomes (2012) defende que o uso do termo raça, no contexto brasileiro, nos remete ao racismo, aos ranços da escravidão e as imagens que contribuimos sobre ser “negro” e “ser branco”. A raça, para ela, ainda é um termo que consegue dar uma maior dimensão a verdadeira discriminação contra negros.

Nilma Gomes (2012, p. 7) pondera ainda:

Ao usarmos o termo raça para falar sobre a complexidade existente nas relações entre negros e brancos no Brasil não estamos nos referindo de forma alguma, ao conceito Mas é preciso compreender o que se quer dizer quando se fala de raça, quem fala e quando biológico de raça humana usada em contextos de dominação como foi o caso do nazismo de Hitler, na Alemanha. Ao ouvirmos alguém se referir ao termo raça para falar sobre a realidade dos negros, dos brancos, dos amarelos e dos indígenas no Brasil ou em outros lugares do mundo, devemos ficar atentos para perceber o sentido em que esse termo está sendo usado, qual o significado a ele atribuído e em que contexto ele surge.

Deste modo, seguindo o raciocínio desses pensadores, é possível constatar que o uso do conceito raça mudou ao longo da história. As ciências sociais contemporâneas não a usam mais na sua dimensão biológica, mas num sentido social e político. Munanga (2014), afirma que este conceito de raça é cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas, ou seja, biológica e cientificamente raça não existe. Hoje o conceito de raça vem carregado de uma ideologia, calcado numa relação de poder.

O racismo foi criado por volta de 1920, geralmente ela é abordada a partir da raça (MUNANGA, 2014, P.1).

Etnia significa grupo que é culturalmente homogêneo. Do grego (*ethnos*), povo que tem o mesmo *ethos*, costume, ou que tem a mesma origem, cultura, língua, religião dentre outras características. Segundo Gomes (2012), a etnia é um grupo social cuja identidade pela comunidade de língua, cultura, território, tradição e monumentos históricos, ou em outras palavras, a etnia é um grupo de pessoas que pertencem a uma mesma cultura.

Por sua vez, Munanga (2014), adverte que etnia é um conjunto de indivíduos que historicamente têm um ancestral comum, uma língua, religião ou cosmovisão, cultura em comum, todavia geograficamente podem viver ou não num mesmo território.

A maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e inter étnicas recorrem com mais frequências ao conceito de raça. Eles empregam ainda este conceito, não mais para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas. Alguns, fogem do conceito de raça e o substituem pelo conceito de etnia considerado como um lexical mais cômodo que o de raça, em termos de “fala politicamente correta”. Essa substituição não muda nada à realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. (MUNANGA, 2014, p.12).

A etnia está ligada mais aos aspetos culturais, a etnia, ou grupo étnico como assim é chamado muitas das vezes, divide uma unidade cultural com as mesmas tradições,

conhecimentos, habilidades, línguas e comportamentos. Normalmente etnia é usado para designar culturalmente grupos humanos e assim distinguir o indivíduo por mútua identificação coletiva.

A cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, crença, lei, moral, costumes e todos os hábitos e aptidões aquecidos pelo ser humano.

Segundo Mintz (2009, p.2):

Desde 1877, quando Edward Burnett Tylor empregou pela primeira vez o termo “cultura” para referir-se a todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana, os sentidos mais antigos e restritos desse termo foram perdendo terreno. Entre esses sentidos mais antigos de cultura, dois, em especial, sobreviveram em formato modificado. Um deles é que em certas sociedades algumas pessoas possuem cultura, e outras não. O outro se refere ao conceito, próximo embora bastante diferente, de que certas sociedades possuem cultura, enquanto outras não. Estas duas ideais diferem qualitativamente; a primeira estabelece diferenças de grau, e a segunda, diferenças de espécie. No primeiro caso – a sociedade na qual as pessoas que possuem cultura distinguem-se das que não a têm – a linha divisória é estabelecida usualmente entre discurso apropriado e inapropriado, comportamento apropriado e inapropriado, e contrastes similares. Cultura, nessa visão, seria um conjunto formado por nascimento, posição social, educação e criação, que se traduziria em ideais e comportamentos; seria, portanto, também uma questão de privilégios. No segundo caso – sociedades com cultura, e sociedades sem cultura – a cultura em si era vista como o produto de certas peculiaridades da história do grupo.

Para Maxwell (2012), a cultura seria uma espécie de guia de comportamento em cada sociedade, ela é determinada no modo como nós vestimos, o que é considerado adequado ou não em uma sociedade no que se refere aos nossos comportamentos com os demais.

Como se pode ver, a cultura não é algo estático, ela está sujeita a mudanças, ou seja, não é algo parado no tempo. No entanto, cada povo tem a sua cultura conforme sua crença, tradição, hábitos, costumes, língua entre outros.

Bidima, um dos filósofos da filosofia Africana, afirma que “a história que foi contada pela e sobre a filosofia Africana girava em torno da identidade” (2002, p.1). De acordo com Gomes (2012), o ser humano pode ser sujeito de múltiplas identidades, contudo, elas têm de ser por vezes passageiras e ao mesmo tempo descartáveis, tanto é que podem ser rejeitadas ou abandonadas com o passar dos tempos.

Conforme Bandeira e Batista (2002), no processo de produção identitário criam-se sentimentos de pertença e de estranhamento com relação a certos sentimentos de pertença e de estranhamento com relação a certos coletivos, o que gera uma dinâmica de inclusão e exclusão com base em semelhanças e diferenças. Acontece que essas inclusões e exclusões muitas das vezes não indicam apenas a diferença ou singularidade, nas relações hierárquicas com atributos fundadores, que demandam para si a definição do que é bom e do que é ruim, do que é belo, do que é feio, do que tem valor e do que não tem.

Nas concepções de Gomes (2012), a ênfase na identidade resulta por sua vez das diferenças que ao mesmo tempo ela se dá em uma busca da identidade por parte de um grupo social. Por outro lado, essa diferença à sociedade ao governo ao outro grupo e instituição a identidade possui um processo de elaboração e dominação das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que a formam. Ou seja, a identidade ela resulta muitas das vezes a partir das diferenças.

Santinello (2014) sustenta que a identidade do indivíduo é construída pela necessidade de sobrevivências, bem como as intrínsecas variedades das relações sociais, assim como as suas respectivas limitações do contexto no tempo e no espaço em que o sujeito se encontra inserido. Entretanto a identidade é uma maneira de cada indivíduo se tornar algo em uma composição de grupo em que o igual e o diferente convivem simultaneamente.

Vale dizer que a identidade é algo que pode sim ser construído ao longo dos tempos, desta feita pode sofrer algumas alterações. Independentemente da sociedade em que o sujeito encontra inserido, ou seja, o indivíduo cria sua própria identidade, ele tem um reconhecimento dele próprio como tal sujeito.

A partir dessa seção, vamos tratar dos termos de racismo, preconceito, discriminação e xenofobia no âmbito de ciências sociais. Rocha (2016) define o racismo como sendo uma ideia ligado a raça em que estas são naturalmente inferiores e superiores a outra, em uma relação jogada na ideologia de dominação. Em que este carrega características fenotípicas para justificar tal ato.

O racismo foi criado por volta de 1920, geralmente ela é abordada a partir da raça (MUNANGA, 2014).

Contudo existem várias manifestações do racismo: o individual, institucional, cultura, primário, entre outros.

- Racismo Individual: aquele advindo de atitude individuais manifestadas por meio de estereótipos e comportamentos e interesses pessoais.

- Racismo Institucional: aquele que vem do preconceito advindo de instituições políticas, econômica no qual muitos indivíduos (negros, mulheres, índios) são marginalizados e rejeitados seja diretamente ou indiretamente.

- Racismo Cultural: ressalta a superioridade entre as culturas existentes, manifestadas segundo crenças, religião, costumes, línguas dentre outros.

Segundo as abordagens de Gomes (2012, p.14), o racismo se dá por um lado, através dos comportamentos, por outro, ele resulta das ações desse tal comportamento que por vezes, pode gerar do ódio em relação à pessoa que possuem um pertencimento racial observável,

levando em conta tais características como: cor da pele, tipo do cabelo, espessura do nariz entre outros aspetos. Por outro lado, o racismo está relacionado a um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores.

Conforme Munanga (2014),

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos.

De acordo com Furtado (2009), o problema da cor da origem racial deixou literalmente de ter significações no arquipélago (Cabo Verde), visto que se deu uma espécie de transmutação da dimensão raça para o social. Ou seja, a referência à cor tem um significado sociológico e fenotípico perante as sociedades Cabo-Verdianas, isto é, muita das vezes nota-se que as pessoas são classificadas de acordo com o seu estatuto social não pela sua cor de pele.

Podemos constatar isso nos diferentes termos de designação, por exemplo, quando falamos “casa de gente branca”, “cheiro de gente branco” “eu alimento como gente branca”, normalmente, quando dizemos essas frases mudam o seu conteúdo étnico para semanticamente incorporar num outro significado. O autor acima mencionado diz que desde muito cedo houve uma alteração nas estruturas económicas do arquipélago. Podemos encontrar as heranças europeias e africanas através das músicas, poesias, danças, culinárias, crioulo, literatura, entre outros. Podemos encontrar essas frases muita das vezes nas conversas do dia a dia em que as pessoas

Segundo Nilma Gomes (2012), o preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. O preconceito se dá quando um indivíduo preconceituoso se fecha em uma determinada opinião, deixando de aceitar o outro lado dos fatos.

Já Munanga nos chama a atenção para não cairmos no erro de crer que o preconceito é apenas decorrente da ignorância das pessoas, mas sim, o preconceito por sua vez estaria circunscrito no campo das relações individuais, particularizado, produto da falta de informação, educação e conhecimento sobre outras culturas (Munanga 2014, *apud*, Roseli Rocha, 2016, p.12)

Por sua vez, Bandeira e Batista (2002) caracterizam o preconceito como sendo uma forma arbitrária de pensar e de agir, no sentido de que é exercido como uma forma radicalizada de controle social que serve para manter as distâncias e as diferenças sociais entre um sujeito e o outro ou entre grupos.

Segundo elas, esse comportamento acarreta práticas baseadas na inferioridade em argumentos que têm pouco a ver com o comportamento real das pessoas que são objetos da discriminação. Afirmam:

O preconceito resulta de uma radicalização do outro, a partir da configuração de uma imagem corpora e linguística, a que se atribui valores negativos. Isto é uma apropriação da diferença imagética que é desvalorizada, mas que não basta apenas considerar as diferenças mais visíveis, tradicionalmente configuradas na raça, gênero, e nas classes sociais, manifestam através da diferença e das desigualdades discriminatórias nos espaços da educação, do trabalho e do poder (BANDEIRA & BATISTA, 2002, p.136).

Segundo Oliveira e Vala (2004), enquanto autores sociais e incumbidos dos valores do igualitarismo e da justiça que compõe a formação democrática ressaltam que existem várias formas possíveis de preconceito. Existe uma que se dirige aos grupos definidos em função de características físicas ou fenotípicas por assim dizer, supostamente herdadas. Nesse caso preconceito racial ou étnicos para alguns atores.

Allport (1954) define o preconceito étnico como uma antipatia que está associada a generalização que pode ser sentida ou expressa e que pode ser dirigida a um grupo como um todo ou a um indivíduo só porque ele faz parte daquele grupo. (Allport 1954, apud, Oliveira e Vala 2004).

Faz-se necessário compreender até que ponto vai o comportamento humano, até que ponto as pessoas se julgam um ao outro só pelo fato de pertencerem a um determinado grupo social diferente ou por terem características fenotípicas distintas, religião entre outros, ou seja, o preconceito implica sempre uma relação social em que temos o outro como diferente, a partir do momento em que negamos ou desvalorizamos a identidade do outro.

O preconceito, por sua vez, passa pela relação social, pela atribuição identitária e auto identificação, que nega duplamente a alteridade, ora, o corpo é o lugar mais privilegiado para se manifestar as diferenças, ou seja, é no corpo onde se concentra os elementos indicadores para as classificações das diferenças. Seguindo por essa via é o que tem acontecido em muitas sociedades, as pessoas se julgam um ao outro sem se conhecerem, é de se referir que ninguém nasce racista, você aprende socialmente. Diante disso, o primeiro lugar onde a criança aprende a socializar é no seio da família e depois na sociedade. O nosso corpo é o lugar agregador e

mais privilegiado para a manifestação das diferenças, ou seja, é no corpo que se depositam e concentram os elementos indicadores da discriminação.

A discriminação é a ação baseada no preconceito e acontece quando tratamos os membros de um determinado grupo de forma diferente, com base em fatores como status, grupo a qual pertence ou categoria, geralmente essa distinção acontece de um modo ruim e o fato de alguém ser tratado pior do que outros por algum motivo arbitrário já é considerado discriminação. Gomes (2012) afirma que a palavra significa “distinguir” “diferenciar”. A discriminação pode ser considerada como uma prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos a discriminação, por conseguinte está nas praticas que esses comportamentos efetivam.

No entanto ela pode ser manifestada de uma forma direta ou indireta. A discriminação direta seria aquela derivada dos atos concretos de discriminação em que a pessoa discriminada é excluída expressamente em razão da sua cor. A indireta, é aquela que redundando em uma desigualdade não oriunda de atos concretos ou de manifestações expressas de discriminação por parte de quem quer que seja a discriminação, ela é considerada a mais perversa. (GOMES, 2012).

Segundo Tavares (2017), há quase uma década de pesquisa sobre os imigrantes Oeste-africana a residirem em Cabo Verde, foram constantes denúncias de preconceito. Para ela, denúncias estas de caráter discriminatório aonde as suas representações acerca de como percebem a reação dos Cabo-verdianos face à sua presença continua a apontar para três situações a respeito a estes imigrantes, ou seja, muito dos imigrantes da Costa Ocidental vem queixando de discriminação em Cabo-verde.

Nessa ótica, a discriminação não deixa de ser o resultado dos processos históricos e econômicos e políticos que se tem nas sociedades, indivíduos com esse tipo de comportamento tem como objetivo de diferenciar os seus semelhantes.

O termo “Xenofobia” proveio do grego é formada por dois termos: “Xénos” (estrangeiro, estranho ou diferente) e “Phóbos”, (medo) que corresponde literalmente o medo do diferente em português.

Segundo Júnior (2016), a xenofobia significa o medo, a rejeição, recusa ou antipatia e uma profunda aversão ao estrangeiro, isto é a xenofobia implica uma certa desconfiança e delimitação espacial em que se estabelece um dentro e um fora, fazendo com que o sujeito que vem de fora um estranho.

Tudo isso demonstra como a xenofobia está presente na história de muitas sociedades e faz parte do imaginário dos imigrantes que sofrem com esse comportamento de ameaça, do “outro” melhor dizendo, o imigrante sempre vai ser considerado como o outro o diferente.

6.2 PROCESSO DA EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO EM CABO-VERDIANA

As migrações estão presentes na realidade histórica e social de toda a sociedade. De acordo com Jacinto e Luiz (2009), a emigração é o ato e o fenômeno espontâneo de deixar seu local de residência para estabelecer numa outra região ou nação, enquanto que a imigração é o movimento de entrada de pessoas com animo permanente ou temporário e com intenção de trabalhar e ou fixar residência, de pessoas ou populações, de um país para o outro.

No caso Cabo-verdiano, desde os primórdios do seu descobrimento começou a ter esse fenômeno migratório, isto, porque o país foi povoado pelos escravos que eram levados para o país e pelos Portugueses.

Como afirma Lima (2007), o povoamento das ilhas numa primeira fase foi de ocupação que mais logo se transformou em colonização, isso devido ao interesse dos colonos pelas ilhas que logo fez despertar a ânsia dos colonos em querer emigrar para Cabo Verde a fim de servir de entreposto comercial do tráfico de escravos da Costa Ocidental africana para as Américas.

Essa consideração nos leva a crer que foi a partir desses cruzamentos dos europeus e africanos que se deu o povoamento das ilhas. Ora, essa mestiçagem racial teve seus impactos na formação da cultura Cabo-verdiana.

As grandes secas que assolaram as ilhas fizeram com que muitos Cabo-verdianos deixassem a sua pátria em busca de melhores condições de vida. Carreira (1977) divide a emigração Cabo-verdiana em três fases:

A primeira que vai de 1900 a 1926, com destino sobretudo para os Estados Unidos. A segunda de 1927 a 1945 cujo destino são países da América Latina e Africana, entre os quais Brasil e Argentina, por outro lado, temos o Senegal, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola. Porém, nessa altura, Portugal era o destino mais procurado pelos Cabo-verdianos.

A terceira e última fase o destino era para Holanda, França, Luxemburgo, Itália e Suíça que permanecem até hoje como os principais destinos dos Cabo-verdianos a par dos Estados Unidos, Espanha e Angola.(CARREIRA, 1977 apud LIMA,2007)

Cabo Verde é considerado um país em que a maioria de sua população encontra-se fora do que dentro do próprio país. Por sua vez esses emigrantes têm contribuído para a economia do país em forma de remessas.

Porém, o termo migração também é usado para designar os fluxos de população dentro de um mesmo país e, ao passo que imigrante é aquele que sai de um país com ânimo de buscar trabalho e ou residência em outro país. Para Rocha (2013),

O imigrante em Cabo Verde está ligado a uma imagem calcada na figura do trabalhador e especial com baixa ou nenhuma qualificação, ela é atrelada a uma posição socialmente dominada. Por outro lado, temos o estrangeiro que é aquele que veio por um tempo determinado, é um visitante colaborante e vantajosamente identifica-se com um quadro científico que tem um nível de formação elevada, cujo a estadia não se apercebe como uma ameaça a coesão social.

Em Cabo Verde, os que são considerados imigrantes são os provindos da Costa Ocidental Africana principalmente os “Mandjakus” (ROCHA, 2009).

Em Cabo Verde havia uma elite endógena que se achava branca mesmo sendo mulato ou por vezes preta, no entanto esse fato se deu até as independências do país (1975), é óbvio que sempre houve uma elite pequena, mestiça no país que se achava superior em relação a maior parte da população cabo-verdiana (Cabral, 2016).

Certamente essas questões fez com que houvesse uma pequena divisão entre os próprios caboverdianos de um lado temos os ditos “Sampadjudo” e de outro lado temos os considerados “Badiu”, ainda dentro de badiu temos os “Rabelados”, aqueles que surgiram no momento que o país estava sobre o domínio português.

Isso aconteceu na ilha de Santiago, afirma Morreira (2009), que os “Rabelados” bateram de pé e enfrentaram a fúria, porém isso fez com que os rabelados ficassem na história como símbolo de resistência ao poder da ditadura.

Segundo Anjos (2003), os intelectuais Cabo-verdianos forjaram a identidade cultural Cabo-verdiana, porém houve uma ênfase para além da mestiçagem. Os temas míticos das grandes secas e mortes que teriam homogeneizado culturalmente e socialmente os diversos estratos da população Cabo-verdiana.

Partindo desse pressuposto, Anjos (2003), ressalta que nos finais do século XIX a sociedade colonizada de Cabo-verde se estrutura sobre uma dominação racial de uma minoria branca sobre a maioria negra.

Para Gomes (2012), a identidade não é algo inato, ou seja, a identidade refere-se ao modo de ser no mundo com os outros. Deste modo se cria a identidade a partir das relações que se tem numa sociedade. Porém esse fato se deu nas sociedades Cabo-verdianas, uma vez que ali foi um lugar que passou por todo o processo da colonização em si, tinha encontro de vários povos de diferentes países, culturas e etnia.

Desde muito cedo, houve uma elite instruída em Cabo Verde, a dos Nativistas, representada por “Poetas, escritores, jornalistas e compositores” como, por exemplo: Eugénio Tavares, Pedro Monteiro Cardoso, José Lopes entre outros (MADEIRA, 2014). Para Madeira, o ensino foi usado como ferramenta fundamental pela elite intelectual Cabo-verdiana conduzindo o aparecimento de uma literatura coesa.

Conforme Anjos (2003), a elaboração da revista “Clareza” nasce a partir do cientificismo racista europeu do século XIX apropriado de segunda mão e após reelaboração por Gilberto Freyre. Numa reportagem publicada em 5 de Janeiro de 2010, no Jornal Público, Silva ressalta que a elite endógena que se tinha em Cabo Verde achavam se brancos mesmo sendo mulato, houve sempre uma elite em pequena mestiça no arquipélago que se achava superior a maior parte da população Cabo-verdiana.

Para Henrique (2016), durante anos Cabo-verdianos sustentou um discurso que não são africanos, que são “pretos especiais” os mais próximos de Portugal, o país da mestiçagem. Efetivamente essa narrativa foi criada pelos colonos, tanto é que todos os impérios colônias tiveram o estatuto do indigenato, salvo Cabo Verde, assim como eram tidos como os mais “assimilados”.

Tal constatação nos leva a crer que desde sempre a sociedade cabo-verdiana esteve estruturada sobre essas elites que achavam ser brancos ou “ Filhos da terra” como assim eram caracterizados. É de se notar que a partir dali se deu uma certa desestruturação entre as classes sócias em Cabo Verde, em que se tinha uma classe minoritária, de pequenas elites, passando por “brancos” a desempenharem cargos importantes dentro do país, quer a nível literário como cultural.

Creio que essa narrativa de *pretos especiais* fez com que haja certa ambiguidade entre os cabo-verdianos com o continente. Com a ressalva de que os colonos escolheram o país para ser o administrador das restantes colônias portuguesas . Esse discurso de *pretos especiais* continua existindo até hoje na sociedade cabo-verdiana, onde muitas pessoas usam expressões do tipo “eu sou preto mais fino”, ou “djam branco dja”².

² “ Djam branco dja”- já virei branco agora.

6.3 O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA AFRICANA PARA CABO VERDE

A imigração, em Cabo Verde, tem tido um aumento nas últimas décadas. Os dados mais recentes indicam que a população imigrante aumentou cerca de 20%. Os dados disponíveis pelo centro de pesquisa para o desenvolvimento sobre Migrações Globais e Pobreza (DRC) apontam para que a maioria dos imigrantes em Cabo-verde (82%) são provenientes dos países Africanos que fazem parte da CEDEAO entre esses países destaca-se São Tomé e Príncipe, Angola, Portugal, Guiné-Bissau, Senegal e Nigéria sendo estes em maior quantidade.

Segundo Rocha (2016), o protocolo não constrói a mobilidade mais sim a mobilidade é quem constrói o protocolo, é o enriquecimento e o panorama que levam as pessoas a migrarem.

Os dados relativos a autorização de residência (DEF, 2008), indicam que os principais países de origem são a Guiné-Bissau (19,8%), Portugal (13,8%) China (13,7%) Nigéria (11,5%) e Senegal (11,3%). Contudo para além do país ser o país das emigrações, ele se tornou no país das imigrações hoje. Como exemplifica Tavares (2010):

foi nos finais da década de 80 que se verifica-se a chegada dos primeiros imigrantes africanos em C.V, desta feita foi só a partir de 1990 que se conheceu o fluxo migratório dos imigrantes da África do Oeste, oriundos de alguns países africanos , isso devido a entrada em vigor do protocolo da livre circulação de pessoas e o direito de residência e estabelecimento no quadro da CEDEAO.

Já na argumentação de Rocha (2013) “a novidade da imigração não é algo para o arquipélago”, uma vez que, ela foi povoada pelos imigrantes durante o tráfico de escravos dado ali ter sido um importante entreposto comercial e através da qual deu a origem a uma população mestiça resultado a mistura entre os colonos brancos e as escravas trazidas do continente africano principalmente.

Rocha (2016), afirma que:

[...] o país importa o modelo de “domesticar” os imigrantes. O que vemos em Cabo Verde, são os mesmos discursos a nível da Europa que são reproduzidos em Cabo Verde. Os mesmos medos são para aqui trazidos, esse “medo de invasão”. Estou a falar da percepção que se tem dos imigrantes como anómalos, que é uma construção ocidental e que Cabo Verde tem visto exatamente dessa forma: eles são considerados perigosos e intrusos, sendo assim, necessário controlar e essa necessidade leva justamente à reprodução de políticas e formas de gestão.

Todavia a autora vê que só a partir do momento em que conhecemos as diversidades é que podemos pensar que somos capazes de pensar para além dos modelos ocidentais que vê o imigrante como os perigosos.

Seguindo esta linha de raciocínio, Tavares (2010) nos propôs a refletir desde quando começou esse fluxo migratório em Cabo Verde. A autora diz que esse fluxo migratório não é algo recente, mas sim algo que começou lá atrás durante o povoamento do arquipélago em que muitos viajaram para lá, para ela, o que está acontecendo hoje apresentam outros traços, tendências e dimensões. É de salientar que antes os imigrantes (escravos) iam de certa forma que obrigados, agora o que se tem é uma imigração voluntária (Sic).

6.4 OS IMIGRANTES DA COSTA OCIDENTAL AFRICANA APELIDADOS DE “MANDJAKU”

Para Rocha (2009), os cabo-verdianos designam todos os imigrantes da Costa Ocidental africana de “Mandjaku”. Mandjaco é o nome de um povo que habita na região da Guiné-Bissau, vive principalmente nas margens dos rios Geba e Cache. Muitos Cabo-verdianos vem com a famosa desculpa que usam esse termo “Mandjaku” como uma forma mais fácil de os identificar, uma vez que alegam não saber de onde são esses imigrantes.

Segundo Furtado (2009), a designação étnica única (mandjakus) é legitimada pela origem geográfica-constantemente e por uma radicalização disforme-negro. A referência à cor de pele tem por sua vez um significado social e fenotípico na sociedade cabo-verdiana.

Nesse caso o que Bento (2002) chama de exclusão moral que se dá através de uma desvalorização do outro como pessoa, como um ser humano, os excluídos moralmente são considerados sem valor, por tanto estes são os passíveis de serem perseguidos e explorados.

Porque não entender *mandjaku* como carregando uma expressão racista todos os significados á volta de mandjaku não serão suficientes para enxerga-lo com um corpo que é racializado e radicalmente construído e marcado diariamente. Todos sabemos que para uma boa parte da sociedade Cabo-verdiana “mandjaku” é sinônimo de “preto” o que se pode observar é que esse termo ganhou outro significado na sociedade Cabo-verdiana.

Para Tavares (2010):

esse termo é utilizado pelos Cabo-verdianos de uma forma pejorativa por uns, com a intenção de discriminar, desprezar, desvalorizar e inferioriza-los, por outro lado, para alguns, esse termo é usado como um meio de comunicar ou diferenciar dos nacionais sem intenção de ofensa.

Ainda Rocha (2017), esses imigrantes aparecem como os indesejados, os negros, aqueles que carregam consigo o caos a desordem, a malandrice. Então estes são os portadores dos próprios “indesejos” dos Cabo-verdianos.

A reconfrontação entre Cabo-Verdianos e Africanos continentais, na última décadas, em decorrência dos fluxos migratórios dos países da Costa Ocidental para o arquipélago recoloca em análise a questão étnica e racial, já agora num novo patamar. As categorias étnicas e raça sobrepõem-se e tornam-se sinônimos, com o fito de homogeneizar os “outros” ou seja a categoria “Mandjaku” é transformada num marcador identitário racial tornando todos os Africanos continentais numa única etnia. (FURTADO, 2012, p. 170).

“Essa hipótese nos leva a crer que para muitos estudiosos e estudiosas esse termo “mandjaku” está carregado numa questão racial que não deixa de ser discriminatório e preconceituoso. Já para uma boa parte da sociedade Cabo-verdiana esse termo é uma forma de identificar esses imigrantes oriundos da Costa Ocidental Africana.

André Corsino Tolentino, reformado da carreira de diplomática desde 2013 e ex-combatente do partido PAIGC, numa reportagem em (2016), faz observar que só teve a consciência de que ele era realmente africano a partir do momento que ele saiu de Cabo Verde para estudar em Portugal, onde foi tratado por negro e não branco.

Os brancos inferiorizaram os negros de tal maneira que até hoje existe este mal-estar, essa falta de aceitação da condição racial entre os próprios negros. Nós continuamos a ser escravos, escravos mentais de uma consciência identitária que se auto inferioriza, nós não aceitamos enquanto negros. Porém esse não é somente um problema de Cabo Verde.

Faz-se necessário compreender até que ponto os Cabo-verdianos continuam a negar a sua africanidade, em que muitos veem o africano acarretado o outro, ou melhor dizendo, os outros.

7 METODOLOGIA

Essa pesquisa fundamenta-se na abordagem interdisciplinar, numa perspectiva dos estudos sobre a imigração em Cabo Verde, tem como foco os imigrantes oriundos da Costa Ocidental Africana residentes no país, como é que vem sendo a integração deles no país. No entanto, para a realização desse trabalho, recorreremos à pesquisa bibliográfica, artigos, relatórios, dissertação e teses disponíveis na internet, além do mais usarei a minha experiência

de vida, por outro lado, basearemos nas pesquisas qualitativas e quantitativas, trabalharemos com pesquisas de campo como no caso da entrevista.

Esse projeto será executado a partir de uma abordagem interdisciplinar dos Estudos Africanos, privilegiando as abordagens de Antropologia, Sociologia e História. Trabalharemos com método da interdisciplinaridade uma vez que esse método visa trabalhar com as diferentes áreas dentro do meio acadêmico.

Segundo Junior e Pascutti (2009), a Interdisciplinaridade surgiu com o intuito de proporcionar novas formas de produção de conhecimento que enriquecem e ampliam o campo da ciência moderna, ela implica trocas, teorias e metodologia, gerações de novos conceitos a fim de abarcar a natureza múltipla da complexidade das mais diversas naturezas. A Interdisciplinaridade trabalha com complexidade e problemas que exigem um diálogo não só entre disciplinas próximas dentro da mesma área.

Para Hountondji (2008), as sociedades africanas devem elas próprias aprimorar-se de uma forma ativa dos seus conhecimentos, os investigadores e investigadoras africanos têm que fazer uma investigação e conhecimento que responda os seus problemas e questões não importa a área onde estes trabalham. Fazer estudos africanos não quer dizer estudar apenas uma disciplina mas sim estudar um leque de disciplinas, uma vez que as disciplinas sempre vão estar relacionadas uma da outra, cujo o objetivo é estudar a África.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, usaremos pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo que nos ajudará na coleta de dados. Para isso usaremos os materiais necessários para fazer essa coleta como no caso da câmera, gravador, caderno entre outros. Nesse sentido, a nossa pesquisa vai obedecer a coleta de dados bibliográfica que de acordo com Gil (2002), esse tipo de pesquisa é baseado nos materiais já publicados, matérias impressas, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações, anais de eventos científicos, esse tipo de pesquisa vai ser muito importante para materialização da nossa indagação.

Nesse sentido trabalharemos com autores Cabo-verdianos e não só, mas também com quem já trabalhou sobre essa temática ou assunto parecido. Em 2009, a antropóloga e socióloga Eufemia Vicente Rocha nos trouxe na sua tese de doutorado temáticas como: “A Xenofobia e racismo em Cabo Verde” onde ela aborda questões e temáticas como “Mandjaku” em que ela diz que Mandjaku são todos os Africanos da Costa Ocidental Africana, contudo ela acha que o termo como racismo, discriminação e preconceito estão por detrás desse termo “Mandjaku” com relação aos irmãos da Costa Ocidental Africana residentes em Cabo Verde mas tarde ela nos traz “ Migração na África Ocidental e Cabo Verde: uma relação recente?(2012). Onde ela começa a fazer todo um percurso de como começou e quando começou essa imigração.

Também, pretendemos trabalhar com pesquisas documentais que irá sustentar a nossa investigação. Segundo Gil (2002), essa técnica de pesquisa é utilizada praticamente em todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo da história e da economia onde se utilizam dados já existentes. Sendo assim essa pesquisa será desenvolvida nos museus, em que vamos analisar os documentos que retratam sobre esses imigrantes que vai servir de base de análise e de interpretação, com o intuito de obter uma possível resposta sobre a pergunta de partida.

Segundo Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa parte de uma hipótese, guia com diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas, essa metodologia irá compreender e analisar melhor sobre as demandas que constam na nossa pesquisa que é entender as questões étnico-raciais em Cabo Verde com relação aos imigrantes da Costa Ocidental Africano residentes em Cabo Verde, mas concretamente na ilha de Santiago, cidade de Assomada.

Nessa ótica, trabalharemos com entrevistas não estruturadas que segundo Roberto Jarry Richardson (2012), este tipo de entrevista pode ser respondido por meio de diversas alternativas pré-formuladas que visa obter do entrevistado o que ele considera os aspetos mais relevantes de determinado problema em que as descrições de uma situação em estudo por meio de uma conversa guiada, pretende obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa..

Seguindo por essa via pretendemos fazer a nossa entrevista de acordo com os respectivos países desses imigrantes, em que serão entrevistados dois homens Guineenses e duas mulheres, a mesma será com as demais nacionalidades desses imigrantes da Costa Ocidental Africano. Por outro lado, faremos o mesmo com os próprios Cabo-verdianos afim de termos um melhor dialogo e resultado. Contudo essa entrevista vai acontecer na cidade da Praia, uma vez é ali onde se encontra grande maioria desses imigrantes.

Nessa ótica pretendemos entrevistar as organizações governamentais e não governamentais, no caso a Direção de Emigrantes e Fronteira(DEF), ouvir os responsáveis de cada associação e organizações que vem trabalhando com questão da migração no país, sem esquecer da comunidade nacional.

A entrevista é uma técnica importante que nos permite no desenvolvimento de uma estreita relação entre pessoas, ou então um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa para outra (RICHARDSON,2012, p. 207).

Conforme Duarte (2004), existem alguns procedimentos importantes no que tange a preparação de entrevista para análise: a primeira, diz respeito á transcrição que devem ser feitas

logo após a entrevista, a segunda vem a análise das gravações que devem ser feitas minuciosamente, porém, nem tudo o que o informante dizer deve ser tomado como verdade, pois, pode ser a verdade dele mas que precisa ser confrontado com outros olhares do pesquisador.

É importante salientar a história de vida segundo Duarte (2004), nos proporciona informações coletadas através dos contextos das relações sócias, sendo assim, esse método faz com que o pesquisador oferece ao seu pesquisado oportunidade de este refletir sobre si mesmo, de fazer com que ele ou ela faça um percurso bibliográfico sobre sua vida, de pensar sua cultura, seus valores e as marcas que a constituem o seu grupo social á que o sujeito pertence. Por tanto, é de se referir que os depoimentos coletados muita das vezes nos leva a refutar as ideias que já tinham antes sobre um determinado fato, por outro lado, podemos ter surpresas durante o processo da entrevista nos depoimentos do entrevistado podem surgir novos problemas não esperado, ou seja, isso nos leva a rever e a refazer novos passos a serem trilhados ao longo da pesquisa.

Diante disso, de acordo com Romeu (2011), os primeiros procedimentos que irão ser efetuados será feita uma carta para as instituições que pretendemos visitar, no decorer dos depoimentos serão estabelecidos metodo de interpretação dos sentidos, com o intuito de haver um maior diálogo entre a problematização das ideias que pretendemos analisar. A interpretação dos dados vai depender dos depoimentos recolhidos durante a pesquisa.

8 ROTEIRO DE PERGUNTA

1-O que é mandjaku para os cabo-verdianos?

2-Desde quando surgiu esse termo mandjaku?

3-Qual a percepção desses imigrantes no que se refere a esse termo?

4-Como tem sido a integração entre os Cabo-verdianos e os imigrantes da Costa Ocidental Africana residentes no país?

5-Quem são os mandjakus?

6- Será que esse termo tem a ver com a nossa disputa da identidade nacional, entre os que projetam uma identidade nacional mestiça e outros uma identidade negro-africana?

REFERÊNCIAS

- ”**Africanos no Mindelo** “discussão”... Notícias do Norte. 31 de Jul.2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/Noticiasdonorte/posts/420442194741185>. Acesso 27 de Jan.2018
- ANJOS JOSÉ CARLOS GOMES. (**Elites Intelectuais e a Conformação da Identidade Nacional em Cabo Verde**) -Estudos Afro-asiáticos/estudos Afro ed.3 2003, p.p.579-596 Rio de Janeiro
- ARLINDO, philippi e PEDRO, Geraldo Pascutti. **Documento de área (Interdisciplinaridade)**, Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de Nível superior- CAPES- Diretoria de Avaliação -DAV, 2009, P.1-31
- BANDEIRA, Lourdes e BATISTA, Anália Soraia- **Preconceito e discriminação como expressão de violência**. Universidade de Brasília, 2002, p.1-23
- BARROS, Simão. **Origens da Colonia de Cabo Verde**-Cadernos Coloniais, nº56, ed.Cosmo, Rua das Gaveas, II5, Lisboa, vol.1, p.1-27
- BIDIMA, Jean Godefroy-**Da Travessia: Contar Experiências, Particular** BIDIMA, Jean-Godefroy. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. Rue Descartes, 2002/2, n.36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.
- CABO-VERDE, Constituição da República. Edição, Presidência da República de Cabo Verde, Praia, 2012, p.17-174
- CARLOS, Antonio, **Descoberta de Cabo Verde-apontamentos de História**<https://antoniocv.wordpress.com/2015/09/02/a-descoberta-de-cabo-verde/> acesso em 06 de maio de 2018
- DUARTE, Rosália -**Entrevista em pesquisa qualitativa**: Educar, Currítib, n.24, p.213-225, 2004. Editora UFPR
- FURTADO Claudio Alves. **Raça, Classe e etnia nos Estudos sobre e em Cabo-Verde: As marcas do silêncio**. Afro-Ásia. 2012 n.45, p.p.143-171-revista Scielo Brasil.
- GIL, Antônio Carlos- **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**: São Paulo Brasil, editora Atlas, 2002, p.3-176
- GÓIS, Pedro. **Emigração Cabo-verdiana**. Para (E Na) Europa e a sua inserção em Mercados de Trabalho Locais :Lisboa, Milão, Roterdã. Abril de 2016, p.1-376
- GOMES, Joaquim-**A Inserção de Cabo Verde na CEDEAO: O Comércio e as migrações**-editor Centro de estudos Africanos da Universidade do Porto, (janeiro de 2009, p.1 -196)
- GOMES, Nilma. Lino-**Alguns Termos e Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais no Brasil**: Uma Breve Discussão: Brasil, 2012 p.p.1-24.

GOMES, Nilton Lopes da Silva. **Mandjakus: A Percepção Dos Estudantes Cabo-verdianos Na UNILAB Sobre AS Atitudes De Preconceito E Discriminação Racial Em Cabo Verde- Unilab Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (Redenção-CE) 2017, P.5-42.**

GOMES, Romeu- **Os homens não vêm! ausência ou invisibilidade masculina na atenção primária**, O método de interpretação dos sentidos. S.Paulo, 2011, p.1-10

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Xenofobia: Medo e Rejeição ao estrangeiro**. Cortez Editora, S.P Brasil, 2016, p.p.10-28

KA TA DA - Helio Batalha (vídeo clip oficial) 17 de nov.2017.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TuQwmSxqeSo>.Acesso em 10 de Dez.2017

KU-FRONTALIDADI: Mia Couto, **Cabo Verde e Colonização do Pensamento**.Disponível em: <http://ku-frontalidad.i.blogspot.com.br/2018/01/cabo-verde-mia-couto-e-colonizacao-do.html>.Acessado em 16 de Jan.2018

MADEIRA, Joao Paulo.**O processo de Construção da Identidade e do estado-nação em C.V**(Revista Científica Vozes dos Vales-UFVJM) MJ-Brasil-N 6- Ano III-10 2014 **Mais de um Terço dos Imigrantes sentem discriminado em C.V**. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/mais-de-um-terco-dos-imigrantes-sente-se-discriminado-em-cabo-verde-8565416.html>.Acesso em 07 de Fev.2018

MARINUCCI, Roberto e MILESI, Rosita. **Migração Internacionais contemporâneas: Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do sec XXI**, 2011, P.1-19

MARXWELL.**Conceito de cultura: Na antropologia**, IFCS DA Universidade Federal do Rio de Janeiro, Março 2012, p.1-31

MINTZ, Sidney, e MARXWELL,**Cultura:uma visão antropológica-IFCS** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Março de 2005, P.223-237

MUNANGA, Kabengele.**Uma Abordagem Conceitual Das Noções De Raça, Racismo, Idendidade E ETINIA**, (USP)-PENESB-RJ, 2014, p.1 a 17

OLIVEIRA, Marcus Eugénio e VALLA, Jorge (apud Allport 1954). **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Universidade Federal de Sergipe, estudos de psicologia, 2004, p.1-11

PAULIN, J. Hountondji, **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos**: Duas perspectivas sobre os estudos Africanos, Revista crítica de ciências sociais, 2008, p.149-160.íduo e sua construção nas relações sociais pressupostos teóricos-Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), 2010-2014, P.1-7

Relatório-Migração **em Cabo Verde Perfil Nacional 2009**: IOM-OIM (2010 Organizações Internacional para as Migrações)

Reportagem. Joana Gorjao Henrique” **Ser africano em Cabo Verde é um Tabú**” 03 de Jan.2016-Disponível em: <https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/ser-africano-em-cabo-verde-e-um-tabu-1718673>.Acesso em 18 de Dez.2017.

ROCHA, Eufemia Vicente-**Mandjakus são todos os africanos, todas as gente preta que vêm de África**: Xenofobia e racismo em Cabo-Verde, Cabo-Verde/Praia, 2009, p.1-130

ROCHA, Eufemia Vicente-**O Imigrante Oeste-Africano como o indesejável?** a cerca do processo de Radicalização em Cabo Verde.Dossie-Migração internacionais contemporâneos, recebido em 14 03 2017.aceito em 21 06 2017.

ROCHA, Eufemia, Vicente. **Migração na África Ocidental e C.V**: Uma relação recente? Ciências Sociais Unisinos, vol.49, N.1, p.12-19, 2013.

ROCHA, Roseli. **A serie, assistente social no Combate ao Preconceito, Racismo**: Conselho Federal de Serviço Social-CFESS, ano. 2014 a 2017, P.1-22.

ROCHA,Eufemia,Vicente.<https://www.publico.pt/2016/03/07/mundo/entrevista/cabo-verde-importa-a-politica-de-domesticar-os-imigrantes-1725382>.Acesso em 05 de Maio de 2016

SANTINELLO, Jamile. **A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais pressupostos teóricos**-Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), 2010-2014, P.1-7

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Observadores da CEDEAO fiscalizam as presidenciais**. Disponível em: <https://ivairs.wordpress.com/category/cedeo-comunidade-economica-dos-estados-da-africa-ocidental/page/4/> Acesso em: 18 Dez. 2017

SPINOLA, Thelma, SANTOS, Rosangela da Silva. **Trabalhando com a história de vida**: percalços de uma pesquisa ?, Rev Esc Enfem VSp. 2003, p.119 a 126.

TAVARES Lucia Gomes: **A Problemática dos “Mandjacos” na Cidade da Praia- Ilha Santiago**, Licenciatura em Ciências Sórias e Humanas, Unicv (Universidade de Cabo Verde) 2010, p.1-60.

TERUYA, Teresa, Kazuko.Conceito de gênero, etnia e raça: Reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar, Florianópolis, 2008, p.1-7

VIEIRA, Arlindo Mendes. **Reformas Curriculares em Cabo-verde**: Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de C.V, 2012, p.1-26